

Direita Religiosa Norte-americana e sua Influência no Movimento “Bolsonarista”

TchaiaLabriola de Moura¹
doi: 10.5281/zenodo.17582255

Resumo

O sentimento de perda dos valores cristãos, da moral, da ética e dos bons costumes, tem sido uma aflição nacional, mas também, internacional. Isso é o que podemos perceber quando analisamos a vitória de Donald Trump em 2016 nos Estados Unidos e a de Bolsonaro em 2018 aqui no Brasil, duas campanhas alicerçadas em discursos enérgicos bastante parecidos no que diz respeito ao apego ao passado e a esses valores. O presente trabalho busca mostrar com base em outras pesquisas, as características da direita religiosa norte-americana que de alguma forma estiveram presentes nos discursos, campanhas e nas ideias de Jair Bolsonaro e de seus eleitores.

Palavras-chave: bolsonarismo, direita religiosa norte-americana, retórica da perda.

Introdução

A Direita religiosa norte-americana sempre influenciou o setor evangélico brasileiro em suas práticas (Bellotti, 2008). Desde 1920, grupos evangélicos norte-americanos tentam defender os valores familiares e o papel dos gêneros segundo os valores cristãos por meio do uso das mídias (rádio e televisão). Com o uso dessas mídias, conseguiram uma ascensão na cultura norte-americana que se estende até os dias de hoje. Nos Estados Unidos o período de real ascensão foi em 1970, mas antes mesmo deste momento, o uso das mídias pelos neopentecostais aqui no Brasil também já havia ocorrido, pois, missionários evangélicos norte-americanos trouxeram para cá esta prática em meados de 1950, fato esse que já nos mostrava uma forte tendência destes a nos influenciar. Esses grupos também influenciaram e influenciam até hoje cristãos brasileiros por meio de: livros que são traduzidos por nós; produtos para crianças e tudo que eles oferecem como entretenimento cristão e que estaria na contramão da sociedade secular. São esses produtos os destinados para aqueles que buscam preservar os “valores da família” (Bellotti, 2008).

Bolsonaro, apesar de se declarar católico, sempre sinalizou apoio aos evangélicos (Cunha, 2020a) (Arenari, [s.d.]). Com discurso sobre moral e bons costumes, defesa da “família tradicional brasileira” e abominação de práticas homossexuais entre suas principais pautas, Bolsonaro conquistou o apoio de grande parte deste público, principalmente dos denominados como pentecostais, já que trazia sinais e símbolos relacionados a essa vertente

¹Bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Ciência Política pela UFF.

(Arenari, [s.d.]). Não é novidade para ninguém que os cristãos se baseiam nas escrituras da bíblia, escrituras essas que abominam certas práticas e que incentiva o casamento entre homem e mulher como um projeto de Deus. A bíblia nos diz que devemos abdicar das nossas vontades e renunciar a nós mesmos para servirmos a Deus. Disso se trata que deveríamos negar as nossas vontades que são consideradas pecaminosas, como no caso da homossexualidade e entre outras práticas humanas. Baseando-se nisto, cristãos conservadores são contra atitudes que consideram pecaminosas e se tornam relutantes a elas, sendo muitas vezes até intolerantes aos que praticam o que não concordam e infringindo o princípio bíblico do livre arbítrio. Sendo desta forma, como havia dito Cunha (2020a): “Pelas mãos dos evangélicos Bolsonaro saiu dos porões da política brasileira” (Cunha, 2020a, p. 251), já que ele foi o candidato que defendeu os valores cristãos.

Assim como nas eleições presidenciais dos Estados Unidos de Donald Trump, onde o fundamentalismo religioso norte-americano foi parte crucial (apesar de não ser a única) para o resultado dos votos e da vitória de Trump em 2016, vimos o mesmo fenômeno ocorrer aqui no Brasil. O número de evangélicos pentecostais e neopentecostais aqui no Brasil, segundos dados do CENSO² do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, vêm crescendo e já se encontram como a maior parte deles, totalizando 25.370.484 de 42.275.440 evangélicos, números esses que nos mostram que Bolsonaro não ganharia apenas com o “voto evangélico”, mas sabemos que seus líderes religiosos tiveram um papel importante na influência dos votos de alguns fiéis, o que os tornou uma grande parcela do eleitorado bolsonarista.

A sensação de tensão e insatisfação dos brasileiros com a gestão da esquerda já deixou o terreno pronto para que Bolsonaro pudesse trazer seu discurso enérgico e anti-petista tendo a certeza de que conquistaria a aprovação de muitos. Com um discurso de que a esquerda é imoral e que tudo de ruim que estaria acontecendo no país seria reflexo da “libertinagem” “pregada” pela esquerda e que a família e a moral estariam ameaçadas pelas ideologias de esquerda, ganhou apoiadores das camadas mais conservadoras sim, mas também, de pessoas preocupadas com a pauta de segurança pública (Mariano & Gerardi, 2020). Portanto, o número de bolsonaristas foi ganhando proporções antes inimagináveis e que tornaram possível a vitória dele sem depender apenas dos evangélicos (eleitorado esse que normalmente não simpatiza com as ideias da esquerda).

²A palavra censo vem do latim census e quer dizer "conjunto dos dados estatísticos dos habitantes de uma cidade, província, estado, nação".

Por se declarar católico, mas mostrar simpatia pelos evangélicos, Bolsonaro conseguiu se tornar o candidato cristão que uniria a igreja católica e a igreja evangélica em um só propósito (segundo o CENSO de 2010, católicos e evangélicos representam juntos 87% da população brasileira). Juntos, católicos e evangélicos se tornaram o “voto cristão”, o que possibilitou ficarem mais fortes, mas ainda sim, vale lembrarmos que ser cristão não é ser bolsonarista. A pesquisadora Christina Vital da Cunha fala sobre a “retorica da perda”, que segundo ela, é uma estratégia política e que foi utilizada nas eleições presidenciais brasileiras de 2018 (Cunha, 2020a) (Cunha, 2020b). Com o uso desta estratégia e de mais uma citada pela pesquisadora, a de se tornarem aliados dos evangélicos (o que ela chama de “ADEs”), diz ela que Bolsonaro e alguns de seus aliados alicerçaram suas campanhas eleitorais e ganharam apoio de diversos líderes religiosos cristãos (Cunha, 2020a) (Cunha, 2020b). Grande parte da população passou a adquirir um sentimento de medo de uma ameaça de perda, e naturalmente, acataram sem muitas desconfianças o discurso de retorno da ordem e soluções por meio da força (Cunha, 2020a) (Cunha, 2020b).

O pentecostalismo brasileiro é filho do pentecostalismo norte-americano. As primeiras igrejas pentecostais que tivemos foram fundadas por missionários norte-americanos, a Congregação Cristã no Brasil, e um ano depois, a Assembleia de Deus (Campos, 2005) (Freston, 1994 apud Pinheiro *et al.*, 2021). Hoje diante do fenômeno chamado “bolsonarismo”, podemos notar que esse movimento de “importação” religiosa ainda continua forte e a teologia norte-americana ainda continua ditando a “cultura gospel” brasileira. A hipótese deste trabalho é de que Bolsonaro alicerçou sua campanha eleitoral se baseando nos resultados positivos obtidos por Trump ao utilizar igualmente um discurso conservador radical, trazendo ele assim, uma campanha também voltada ao conservadorismo e igualmente munida de enxurradas de *fakenews* que causaram terror nas “famílias tradicionais brasileiras”. Carranza (2020) colocou em seu trabalho os evangélicos como os novos atores políticos do Brasil, visto que, segundo ela, com a ascensão de Donald Trump no cenário internacional, a direita radical política americana causou sensíveis efeitos no cenário social brasileiro que serviu de combustível político para os nossos evangélicos. Durante o mandato de Bolsonaro, pudemos notar a semelhança com Trump ao utilizar a desinformação e o ataque à imprensa como estratégias de governo. Ela diz que:

[...] no Brasil o clima de tensão social contribuiu para consolidar um novo ator político que emerge do setor conservador religioso: o evangélico-pentecostal. Alinhado ao espectro ideológico político de direita e afinado com a direita cristã

norte-americana, provoca um deslocamento estrutural do lugar da religião na esfera pública e uma nova relação entre religião e política (Carranza, 2020, p. 174).

Assim os líderes religiosos contribuíram para que esse medo que é chamado de “retórica da perda” tivesse sucesso em sua disseminação, e assim então, a estratégia de se aliar aos evangélicos acabou se tornando até uma estratégia suplementar para o sucesso da disseminação do medo. Os cristãos em sua maioria são contra o aborto, a legalização das drogas e ao que chamam de “ideologia de gênero”, questões essas que são geralmente tratadas pela esquerda como questões de saúde pública e de liberdade das minorias. Cunha (2020a) considerou o desejo de mudança somado à melancolia com o vivido no passado como as principais ferramentas políticas dos atores religiosos da nossa atualidade. Segundo Cunha (2020a), que foi quem cunhou a está noção:

A Retórica da Perda pode ser considerada como uma tática discursiva articulada por diferentes lideranças sociais e políticas (dentre elas, religiosas) baseada em um imperativo: o retorno da ordem, da previsibilidade, da segurança e da unidade. É um discurso que se contrapõe a mudanças sociais experimentadas socialmente no mundo e que a literatura sociológica detectou de modo significativo a partir dos anos 1990 e, no Brasil, especialmente, a partir de meados dos anos 2000. A insegurança moral e até ontológica gerada por mudanças em paradigmas sobre corpo e sexualidade, somado ao aumento da violência armada no campo e na cidade, produziu em um contingente significativo da população, um desejo de retorno a um *status quo ante* no qual não se sentia tantas ameaças físicas, morais e patrimoniais. Neste contexto é que 74% da população nacional em 2014 desejava mudança. Era este o sentimento no início do pleito presidencial daquele ano, mas não se tratava de uma “mudança para frente” como o termo sugere e sim uma mudança para trás. O desejo era de recuperação de algo que fora perdido e que estava sendo reclamado pela população. Uma idealização do passado junto a uma percepção de perda de qualidade de vida alimentada a melancolia pública. Nesta esteira, a proteção da família emergia como ação fundamental (Cunha, 2020a, p. 245).

Cunha também diz que:

O “perigo”, em um contexto particular experimentado em âmbito nacional, estaria localizado no presente e na projeção de um futuro no qual as mudanças em curso ganhariam força amplificando sentimentos de desordem e insegurança (Cunha, 2020a, p. 240).

Carranza (2020) diz que a direita cristã brasileira atua desde a constituição de 1988 trazendo as características norte-americanas e agora recentemente, apoiam pautas de segurança pública e das corporações militares. Eles possuem uma retórica anticomunista, antipluralista e se dizem “pró-vida” (contra a legalização do aborto) e a favor da família. Os fundamentalistas norte-americanos tradicionalmente pouco se envolviam com a política de forma direta, porém, a partir dos anos 1960, com a proibição da oração nas escolas públicas

em 1963 e a legalização do aborto em 1973, se viram ameaçados e passaram a acreditar haver uma “conspiração humanista e secularista” para destruir a “América Cristã” (Bellotti, 2008). As questões morais sempre foram importantes nos Estados Unidos, portanto, sempre gerou engajamento popular principalmente na camada mais religiosa. Com isso, entre os anos 1960 e 1970 o uso da mídia pelos religiosos cristãos se intensificou não somente como meio de evangelização, mas também, como meio produtor de entretenimento para a família, com foco principalmente nas crianças para que não fossem vítimas da “cultura secular” (Bellotti, 2008). Cria-se então a Direita Cristã norte-americana nos anos 1970 que traz em sua agenda como suas principais pautas: a luta pela sobrevivência da instituição familiar heterossexual; a proteção das crianças e a abominação do aborto (Bellotti, 2008). Sendo assim, percebemos que é muito forte entre os norte-americanos a cultura de combate a tudo que é considerado secular e essa cultura tem sido exportada para nós com tendências de se fortalecer.

Características convergentes

Sem dúvidas a crise econômica, os escândalos de corrupção, o uso das redes sociais para disseminação de informações muitas vezes inverídicas e o uso das mídias para ir contra o PT (Partido dos Trabalhadores), foram fatores que tornaram possível o Brasil ter sido governado por um presidente de extrema-direita, mas além desses fatores, as mudanças no campo religioso brasileiro também tiveram forte influência neste resultado. Tivemos duas mudanças importantes no nosso campo religioso que foram: a que ocorreu em meados dos anos 1980, quando houve o declínio da influência dos católicos progressistas; e o consequente crescimento da influência política, social e cultural das correntes religiosas conversadoras, se tratando principalmente dos que chamamos de neopentecostais (Pleyers, 2020). Pleyers cita que:

Em 1980, a população brasileira tinha por extração católica 89% e era um dos principais espaços do cristianismo progressista. No último censo disponível (2016), a população que se identificava como católica caiu para 50%. A proporção dos “evangélicos históricos” se manteve estável ao longo dos últimos 40 anos: 6,6% em 1980 e 7% em 2016 (DATA FOLHA, 2016). Enquanto isso, o número de fiéis das igrejas neopentecostais conservadoras aumentou com muita intensidade. Quase inexistente no Brasil em 1980, segundo dados de 2016 do Datafolha, pois representavam 22% da população nacional (Pleyers, 2020, p. 2 e 3).

Por conta da perda dos espaços nas favelas e subúrbios que sofreu a igreja católica (que ocorreu principalmente por mudanças conservadoras na igreja católica, que se armou

contra a teologia da libertação/cristianismo da libertação³, que antes atuavam nestes locais por meio das CEB'S⁴, as igrejas neopentecostais começaram a ganhar espaço nestes locais mais carentes e isso gerou grande crescimento do número de cristãos neopentecostais no país, o que consequentemente os tornou possíveis fortes atores políticos, visto que:

Nesses locais, as igrejas neopentecostais assumiram a missão da educação popular nas favelas e se tornaram incubadoras de pequenos empreendedores e militantes conservadores, cuja visão religiosa levava a defender a questão moral e, em particular, a moral associada à sexualidade (aborto, casamento, homossexualidade) (Pleyers, p. 70, 2020).

Em 2011, a bancada evangélica conseguiu a retirada da cartilha anti-homofobia das escolas públicas do país, cartilha essa que foi distribuída como material didático e que passou a ser chamada de “kit gay” na campanha de Jair Bolsonaro. Cristãos progressistas colocam as questões sociais como parte de seus principais compromissos como cristãos, mas a teologia norte-americana, que segue uma visão mais conservadora, é a que mais vemos crescer entre os cristãos (sejam católicos ou protestantes), por isso, muitos dos nossos cristãos acharam um absurdo a distribuição deste material nas escolas e declararam apoio à Bolsonaro. Tanto o Cristianismo da Libertação quanto os neopentecostais compartilham visão parecida de que a religião possui papel importante na política para poderem ocorrer transformações sociais (Pleyers, 2020). Segundo Pleyers (2020):

A expansão neopentecostal e seu sucesso eleitoral se beneficiaram das afinidades entre suas práticas e visões de mundo e a cultura política populista que passou a dominar o Brasil, produzindo-as e incorporando-as. As receitas para seduzir os eleitores são semelhantes às que provaram atrair um número crescente de fiéis: os discursos flamejantes e de intensa emoção, o papel central de um líder carismático ou o uso intensivo da mídia de massa. Os pastores evangélicos têm longa experiência em fazer campanhas eleitorais populistas em todo o mundo e dominam tais táticas muito melhor do que seus oponentes políticos.

As igrejas neopentecostais brasileiras fizeram uso extensivo da mídia desde o início, primeiro inspiradas pelos televangelistas norte-americanos e depois rapidamente adaptados a cultura brasileira (ORO, 1992) A Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977 por Edir Macedo, rapidamente se baseou nos meios de comunicação de massa. Em 1990, já possuía seis estações de rádio e dois canais de

³Cultura religiosa e política que possui uma leitura das escrituras bíblicas que acredita que o sistema oprime os pobres e que eles devem se tornar os atores de sua própria libertação. Apresenta-se uma “preferência” pelos pobres e um engajamento de luta contra a pobreza e contra o capitalismo, sistema esse que seria o mau causador da pobreza, da fome, da doença e da morte. Nos anos 1950 era muito presente na Igreja Católica brasileira e inspirou o renascimento de movimentos sociais. No final dos anos 1960 ocorreu a retomada do Vaticano pelos conservadores, e a partir daí começaram os ataques a Teologia da Libertação (Pleyers, 2020).

⁴As Comunidades Eclesiais de Base (CEB) eram formadas por grupos que discutiam as escrituras bíblicas a partir de suas realidades cotidianas e da situação social do país. Eles refletiam sobre as injustiças presentes em suas vidas, por isso, promoviam ações de caridade e muitos dos participantes passaram a se engajar politicamente (Pleyers, 2020).

televisão. Atualmente, possui o terceiro maior grupo de televisão do país (Pleyers, 2020, p.12).

É o uso de estratégias transnacionais pelos neopentecostais. O neopentecostalismo teve origem no movimento pentecostal, movimento esse que surgiu nos Estados Unidos. Lá, a partir de 1940, evangélicos passaram a se aproximarem do Partido Republicano com o objetivo de defenderem suas questões morais. Em 2016, 81% dos votos evangélicos americanos foram para Donald Trump, o que o tornou o candidato republicano mais apoiado pelos evangélicos da história do país. Assim como ocorreu aqui no Brasil com Bolsonaro, Trump sabia que a comunidade evangélica americana é de mais de 65 milhões e que para chegar à presidência ele precisava do apoio deste grupo. Trump, assim como Bolsonaro, possui atitudes anti-cristãs como, por exemplo, ter se casado várias vezes e utilizar palavras de baixo calão. Pela lógica cristã, essas características deveriam os tornar candidatos impossíveis de receberem o apoio de religiosos se não fosse pelo uso que fizeram do discurso conservador. Bolsonaro e Trump se posicionaram como candidatos pró-vida (contra o aborto) e defensores da família, o que representava os valores dos eleitores cristãos conservadores dos dois países. Por meio da manipulação de informações, os dois candidatos se aproveitaram da liberdade de expressão para disseminar o medo entre os eleitores e o utilizaram como estratégia política (Retórica da Perda) (Pinheiro *et al.*, 2021).

Ambos se beneficiaram desta liberdade para manipularem as informações e instaurarem o medo nos eleitores cristãos e conservadores, o fato que justifica o voto de um grande número de cristãos nestes candidatos (Pinheiro *et al.*, 2021). O bolsonarismo é um movimento transnacional, pois, fica claro que os Estados Unidos é sua principal fonte de inspiração para construção de ideologias e de uma nova realidade política. Um grande número de brasileiros não se sentiam mais representados pela “velha política” brasileira, e assim, Bolsonaro conseguiu construir uma fusão entre nacionalismo e cristianismo como a fórmula perfeita para a “salvação” da nação brasileira, ideia tipicamente norte-americana, que são ultraconservadores em sua essência (Casarões, 2022).

Bolsonaro conseguiu que seus eleitores se opusessem não só contra as minorias de criminosos, mas também aos representantes de pautas sociais, ambientalistas, feministas e todos os outros grupos que eles consideraram “contaminados” pelo “marxismo cultural”, termo este utilizado por extremistas norte-americanos como teoria conspiratória no cenário do fim da Guerra Fria (onde a União Soviética era a própria ameaça comunista) para dizer haver uma dominação ideológica de esquerda nas escolas, universidades, imprensa, etc. Trazendo o temor ao comunismo para dentro das casas das famílias brasileiras com o discurso de que

professores de esquerda estariam doutrinando os alunos ao comunismo; que a imprensa é mentirosa, entre outros discursos, temas próprios da direita cristã norte-americana passaram constantemente a fazer parte dos discursos de políticos, de líderes religiosos e também, dos autodenominados “cidadãos de bem” brasileiros (Casarões, 2022).

Conclusão

Conseguimos perceber que o movimento nacionalista cristão brasileiro foi projetado nas mesmas bases do movimento americano. Em ambos os países, os grupos se mobilizam e se organizam com base no entendimento bíblico como sendo dele o único preceito moral correto para as sociedades. As pautas da direita cristã americana foram as mesmas levantadas aqui no Brasil (aborto, restrição a direitos aos LGBTQIAPN⁵, guerra às drogas, nacionalismo cristão e sionismo cristão), por isso, podemos dizer que o movimento da direita cristã americana influenciou diretamente no resultado das eleições brasileiras para presidente de 2018, pois, desde sempre estiveram inspirando comportamentos dos nossos cristãos, tanto em simples escolhas do que consumir de conteúdo midiático, como agora ficou muito claro, nas escolhas políticas.

Os neopentecostais apresentam grande engajamento político e um crescimento demasiado de fiéis nos últimos anos, o que mostra que a vitória eleitoral de Bolsonaro foi resultado de um processo de profunda transformação iniciado muitos anos antes por atores religiosos conservadores e que hoje já podemos considerar um movimento cultural intrínseco da nossa sociedade.

⁵ Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.

Referencias

ARENARI, Brand. **Bolsonaro, o primeiro presidente evangélico do Brasil.**[s. d.]

BELLOTTI, Karina Kosicki. **A batalha pelo ar: a construção do fundamentalismo cristão norte-americano e a reconstrução dos “valores familiares” pela mídia (1920-1970).** Revista Mandrágora - Gênero, Fundamentalismo e Religião. n. 14, p. 55-72, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/696>>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

CAMPOS, Silveira Leonildo. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada.** Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 100-115, setembro/novembro 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13458>>. Acesso em: 25 de abril de 2023.

CARRANZA, Brenda. **Evangélicos: o novo ator político.** *In*: Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI [organização José Pérez Guadalupe e Brenda Carranza]. – Rio de Janeiro: Konrad AdenaurStiftung, 2020.

CASARÕES, Guilherme. **O movimento bolsonarista e a americanização da política brasileira: causas e consequências da extrema direita no poder.** JournalOfDemocracy em Português. Volume 11, Número 2, São Paulo, Novembro de 2022. Disponível em: <https://www.plataformademocratica.org/Arquivos/nov-22/O_movimento_bolsonarista_e_a_americanizacao_da_politica_brasileira_causas_e_consequencias_da_extrema_direita_no_poder.pdf>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

CUNHA, Christina Vital da. **Retórica da perda e os Aliados dos Evangélicos na política brasileira.** *In*: Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI [organização José Pérez Guadalupe e Brenda Carranza]. – Rio de Janeiro: Konrad AdenaurStiftung, 2020a.

CUNHA, Christina Vital da. **Retórica da Perda nas eleições presidenciais brasileiras em 2018: religião, medos sociais e tradição em foco.** Revista semestral de laAsociación latino-americana de Antropología (ALA). PLURAL. ANTROPOLOGIA DESDE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. Año3, N° 6, p. 123-149, Julio-Diciembre, 2020b. Disponível em: <<https://asociacionlatinoamericanadeantropologia.net/revistas/index.php/plural/article/view/153>>. Acesso em: 22 de julho de 2023.

MARIANO, R.; &GERARDI, D. A. **Apoio evangélico a Bolsonaro: antipetismo e sacralização da direita.** *In*: Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI [organização José Pérez Guadalupe e Brenda Carranza]. – Rio de Janeiro: Konrad AdenaurStiftung, 2020.

PLEYERS, Geoffrey. **A “GUERRA DOS DEUSES” NO BRASIL: DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO À ELEIÇÃO DE BOLSONARO.** Versão em português a cargo de Gabriel Ferreira, Luisa Souto, Flavia Faria e Brena de Almeida. Educ. Soc., Campinas, v. 41, e233566, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/HjnXq8pPN6XKBkwNvFmb67Q/?lang=pt>>. Acesso em: 28 de julho de 2023.

PINHEIRO *et al.* **Influências do movimento evangélico neopentecostal nas eleições de Donald Trump e Jair Bolsonaro.** Universidade do Sul, Brasil, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.modulo.edu.br/jspui/handle/123456789/1705>>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>